

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Imparcial

Class.: RO 144

Data: 05.06.86

Pg.: \_\_\_\_\_

# Kaxarari quer terra demarcada

O ex-tuchaua (chefe) Artur Iamaku Kaxarari, 70 anos, Luiz Cauçu Kaxarari, 36, e Antônio Kaibu Kaxarari, 73, passaram pela capital, na última segunda-feira, em direção à 14ª Delegacia da Funai, no Acre, após dois dias de viagem pelas matas ainda elameadas das chuvas de inverno amazônico, no trecho que liga a BR-364 à sua aldeia, localizada entre os municípios de Porto Velho e Lábrea (AM). Eles querem a demarcação urgente de suas terras. Aqui, conversaram com o delegado da Funai, Amauri Vieira, e com a antropóloga Betty Mindlin, coordenadora do grupo de avaliação do Polonoroeste.

De acordo com os índios, sua área está seriamente ameaçada pela presença de invasores. "Nós não quer que mexa com nós. Os brancos vão abrindo colocação (acampamento), já têm quatro seringueiros na nossa terra, com 46 estradas de seringa. Já encontramos

muitos garimpeiros, oferecem coisas para nós mostrar onde tá o ouro. Eu não conheço nem ouro, não sei onde tem. Os marreteiros traz álcool (álcool destilado 90g), deixa os índios tonto. Índio não pode trabalhar, fica com sono", denuncia Cauçu. Diz, ainda, que já houve roubos de redes e utensílios em suas colocações de seringa e castanha.

**ENTENDIMENTOS**

Os índios conversaram com Betty Mindlin sobre a necessidade de demarcação de suas terras. Ela os acompanhou a uma visita ao delegado da Funai, no dia 30 de maio, para reavivar o pedido, que já vem sendo feito há cerca de seis anos. Amauri Vieira promete que será atendido até o mês de agosto.

A nação Kaxarari possui 165 indivíduos, que moram nas aldeias Barrinha e Azul distantes quarenta minutos de caminhada uma da outra. Em cada uma há uma cantina, onde são armazena-

das mercadorias e determinadas vezes a produção. Os atravessadores fazem o troca-troca nas colocações, onde os índios trabalham isolados. Oferecem produtos a altos preços, que são pagos com a borracha e a castanha a custos sensivelmente rebaixados. Os índios somente sabem do nome desses marreteiros: Raimundo Marinho e Antônio Elia.

Na região abrangida pelo rio Ituxi, próximo à área, no Estado do Amazonas, já há indícios da presença de colonos desde o ano passado. Por esse local, ao norte da reserva, começam a chegar novos invasores. Na abrangência do igarapé Macurenem, que limita a área indígena, se encontrando com o rio Ituxi, os índios afirmam que "a terra foi comprada por um fazendeiro, que vai assentar trezentas pessoas, plantar capim e colocar gado."

**"OLHAR MADEIRA"**

Revelam, ainda, que alguns entram na reserva pa-

ra "calhar a madeira. Prefiro nós morrer, mas não deixar entrar. Os Kaxarari são bom, não mexe com ninguém, mas não vai deixá entrar na área. Nós têm roupa, chapéu, sal, açúcar, tocadiscos é por causa da seringa. Nós precisa da terra", argumentou Cauçu.

Iamacu diz que nunca atirou com flexa, "só arma de fogo", desde pequeno vestindo roupas. Mas nesse tempo a área dos Kaxarari era muito maior, "já foi mais de duas vez o que é hoje, muita coisa foi-nos tirada a bala". Também o número de pessoas era muito maior. Morreram de sarampo, malária, "tosse braba e doença que aparece na goela. Os brancos levava menino prá cria, mulher, e matava índio".

Kaibu afirma que todos os índios da aldeia já tiveram sarampo, várias doenças já existem na reserva, principalmente a gripe. Eles reivindicam um posto de atendimento e escola.